

Dr. August Konkell, Crônicas, Sessão 24, Reversões da Fortuna

© 2024 Gus Konkell e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. August Konkell em seu ensinamento sobre os livros de Crônicas. Esta é a sessão 24, Reversões da Fortuna.

Em nossa última sessão, terminamos com Ezequias, e enfatizamos diversas vezes que Ezequias é retratado como o segundo Salomão por causa da maneira como ele estabelece a adoração do templo e coloca em prática todas as coisas que estão no coração do reino de Deus, da forma como foi retratado sob Salomão, o homem de paz. Após a dedicação da arca e de Deus manifestar sua presença na dedicação do templo, Salomão recebe a mensagem divina sobre a importância da aliança, e realmente temos o que é um versículo chave talvez em todas as Crônicas. É 2 Crônicas 7, versículo 14, e ali Deus diz a Salomão: Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, então eu ouvirei dos céus, e curar suas terras.

Agora, existem várias palavras que se tornaram as favoritas do cronista ao descrever todos os reis. Eles devem se humilhar, devem buscar a face de Deus, e Deus os curará. Agora é na história de Ezequias que todas essas palavras são usadas com mais destaque.

Praticamente todas as palavras desse versículo aparecem em Ezequias. Como observamos, Ezequias toma, o cronista ao contar sobre Ezequias pega os três longos capítulos de Reis e os reduz basicamente a 18 versículos, de modo que tudo o que ele diz sobre Ezequias é seu próprio material sobre Ezequias estabelecendo a adoração no templo. Ele não ignora os incidentes de Ezequias, como a sua doença, onde sabia que iria morrer, ou a visita da embaixada da Babilônia, a que o Cronista se refere como os escarnecedores que vieram vê-lo.

Mas aí a palavra do Cronista é a palavra-chave em 2 Crônicas 7 versículo 14. É a palavra *kanah*. É se humilhar.

A única coisa que Ezequias não só fez foi orar e buscar a face de Deus para que Deus curasse e eles pudessem celebrar a Páscoa, mas quando ele foi testado, quando ele se humilhou e ao cronista, esta é a marca da fidelidade. A marca da infidelidade é o orgulho. Mas Ezequias foi fiel e Deus pôde testá-lo.

E isso não significa que Ezequias se saiu bem no teste. O cronista não diz que Ezequias se saiu bem. Ele não discorda dos reis.

Ele apenas diz que Deus o testou para saber o que estava no coração de Ezequias. Não é que Deus precisasse do conhecimento. É para entendermos que a fidelidade não é algo isento de falhas.

Em vez disso, pudemos ver que, embora Ezequias tivesse falhado, ele ainda era fiel. Este é o ponto do cronista. Agora, na nossa última sessão aqui hoje, olhando para alguns dos últimos reis de Judá, vemos reviravoltas na sorte.

Vemos essas reviravoltas da sorte de mais de uma maneira. Eles vão de ruim para bom e de bom para ruim. Novamente, tudo depende da relação com esta fórmula.

Assim, em nosso esboço de Crônicas, chegamos agora à seção final que chamei de Humilhação e Esperança. Poderíamos dizer que é apenas uma humilhação porque a nação vai para o exílio. Mas o cronista não para por aí.

Ele tem um final que deixa o futuro em aberto. E me parece que é uma inclusão muito, muito deliberada da parte dele dizer que o reino de Deus não acabou. Há um futuro aberto e estamos aqui para ver o que Deus vai fazer.

Então, o rei ao qual somos apresentados depois de Ezequias é Manassés. Agora, em Reis, Manassés é universalmente mau. Na verdade, Reis retrata Manassés como aquele que era tão mau que, apesar de todas as grandes reformas de Josias que se seguiram a Manassés, o destino da nação nunca poderia ser revertido e ela estava indo para o exílio.

Isso é repetido algumas vezes em Kings. Crônicas não vê as coisas dessa maneira. Ele nunca nega a forma maligna pela qual Manassés foi influenciado.

Agora, durante o reinado de Manassés, o poder assírio atingiu o seu apogeu sob um imperador chamado Esarhaddon. E o poder assírio era dominante em toda a Síria e na Palestina. Na verdade, o tratado de vassalo de Esarhaddon é aquele que agora encontramos afixado nos templos de toda a Síria, e temos todos os motivos para acreditar que os assírios exigiram que esse mesmo tratado de vassalo fosse afixado no templo de Jerusalém, talvez até no local mais sagrado.

Portanto, não havia dúvida de que havia muita pressão assíria sobre Manassés em relação à forma como o seu império deveria ser, ou pelo menos o seu reino, deveria ser manifestado. Mas o cronista simplesmente nos diz que Manassés era indesculpável e que o que ele fez foi provocar práticas de culto das nações que eram abomináveis, talvez as mais abomináveis, porque se refere especialmente aos necromantes e aos astrólogos e aos adivinhos, aquele que você chama o Ov, aquele que é adivinho na cova e que tenta chamar de volta os espíritos dos mortos. Manassés promoveu todas essas coisas.

Ele passou seus filhos pelo fogo, o que, no mínimo, era uma espécie de dedicação a um deus na morte de uma criança. Então, Manassés profanou o templo de quase todas as maneiras possíveis e, na verdade, isso se encaixa bastante com as outras descrições que temos do que aconteceu em outros templos na Síria e na Palestina nos dias de Esarhaddon. O cronista então nos conta algo sobre Manassés que não está presente em Reis.

Ele foi levado cativo para a Babilônia, o que é interessante porque os assírios eram a potência dominante durante o reinado de Manassés. Mas Manassés foi levado cativo para a Babilônia. Ora, isso na verdade faz muito sentido historicamente, e não há razão para contestar essa afirmação do cronista.

Os próprios assírios falam dos muitos cativos e de todo o butim que levaram da Palestina para a Assíria. Mas a ocasião mais provável para este acontecimento foi a revolta de Shamash-Shum-Ukin, um líder na Babilônia. Sempre houve uma grande rivalidade entre a Babilônia e a Assíria e, eventualmente, os babilônios acabariam por prevalecer.

Mas nesta altura, os assírios ainda dominavam o vasto império, e este líder na Babilônia procurava todos os que pudesse para se aliarem a ele contra os assírios. E é provável que Manassés, entre muitos outros nos estados da Síria e da Palestina, se tenha unido a ele contra os assírios, talvez involuntariamente, talvez até pela força, a mesma coisa que Rezan e Pekah tentaram fazer com Acaz. Essa seria uma ocasião muito provável para Manassés ter sido levado cativo para a Babilônia, porque foi lá que ocorreu a revolta.

De qualquer forma, é aqui que a palavra-chave do Cronista entra em jogo. Kana. Este cativo, este ser levado à Babilônia, levou Manassés a humilhar-se.

E depois de sua humilhação, Deus lhe concede, em sua misericórdia, uma restauração. E este é o ponto de vista do cronista. Às vezes é descrito como retribuição, você sabe, você faz o bem, você fica bem.

Você faz mal, você fica mal. Mas não creio que o cronista queira que vejamos as coisas dessa forma. Ele quer que vejamos a misericórdia de Deus.

Ele também quer que vejamos a justiça de Deus. E ao vermos a justiça de Deus, precisamos saber que há consequências para a infidelidade. Isso é simplesmente inevitável.

Essas consequências virão. Mas essas consequências não precisam de ser determinantes. E mesmo que você esteja numa situação tão baixa, Manassés, a misericórdia de Deus ainda está disponível.

E então, isso realmente não é apresentado como algum tipo de recompensa. Pelo contrário, é Deus estendendo a sua misericórdia a alguém que se humilha. O que é exigido na fé sempre é humildade diante de Deus.

Então, Manassés se humilhou. E então seu reinado realmente termina com um florescimento, exatamente o oposto de como começou. O cronista nos conta sobre a maneira pela qual Manassés restaurou as fortificações, a maneira como restaurou a adoração no templo e a maneira como removeu todo o culto, tudo isso faz bastante sentido.

Quando as reformas de Josias surgiram, não é provável que não tivessem uma base e não houvesse preparação para elas. Que o que Josias fez foi uma continuação de algumas coisas que já haviam acontecido antes. Agora, seguindo Manassés, temos um reinado muito curto, o de Amom, que é relatado em poucos versículos.

E a única coisa que o cronista pode realmente dizer sobre ele no resumo do reinado de Amom é que ele não se humilhou. Então, ele é o inverso do que deveria ser. Seguindo Amom, temos Josias.

Agora, Josias, lembramos de Reis, é realmente, de certa forma, o ponto alto da aliança. Porque Josias, o Cronista, nos conta que logo no oitavo ano de seu reinado, ele começou a buscar a Torá. E no décimo segundo ano de seu reinado, ele começou a fazer os preparativos.

No décimo oitavo ano de seu reinado, ele começou a purificar o templo e, na purificação do templo, o livro da Torá foi descoberto. Isto parece ser uma espécie de revolução para Josias, que começa a perceber, especialmente naquele contexto, as consequências do seu fracasso, as consequências do que não têm feito.

E assim, eles consultam o profeta Hulda. Esta é uma daquelas raras ocasiões no Antigo Testamento em que uma mulher profetisa é nomeada, e ela é muito significativa, casada com o sacerdote. Então, ela está bem relacionada.

Mas ainda assim, é a uma profetisa que eles recorrem para entender o que Deus está dizendo através desta instrução de Moisés. E essas maldições que estamos lendo aí? E quanto às consequências do fracasso, que temos de admitir que simplesmente fizeram parte da nossa história? Sob a admoestação do profeta Hulda, Josias começou a realizar suas reformas. E o que é descrito detalhadamente, embora apenas brevemente mencionado em Crônicas, é a renovação do juramento da aliança.

O juramento é algo muito, muito positivo porque o juramento no Antigo Testamento consiste em você declarar sua total e completa lealdade a Deus. E o fracasso dessa lealdade a Deus tem para você as consequências de ser afastado da vida que Deus dá

e pela qual somente Deus é responsável por dar. E assim, renovar a aliança estabelece que o relacionamento com Deus estabelece o relacionamento com o doador da vida e, portanto, permite que você seja aquele que representa Deus e permite que você receba a vida que vem de Deus.

Então, Josias, neste momento, conduziu o povo na direção certa. E então lemos sobre a maior Páscoa já celebrada. Já observamos que a Páscoa é a celebração da redenção.

É uma celebração de como Deus criou esta pessoa para ser aquele através de quem a sua salvação e redenção virão. E como o Cronista já retratou na história de Davi, vai chegar a toda a terra, como Davi afirmou naquela citação ali do Salmo 98. Então, essa celebração da Páscoa é um testemunho poderoso.

O Cronista descreve com considerável detalhe e floreios os procedimentos em vigor. Está aqui exatamente na época de Josias, como estava na época de Ezequias. Não apenas um festival familiar, mas agora um festival de peregrinação.

São os sacerdotes que matam o cordeiro e assim por diante. Mas é um grande festival. É muito inclusivo e celebra a redenção de Deus deste povo que se comprometeu com fé na aliança de Deus.

Então, o que temos aqui é a renovação que ocorre sob Josias, e realmente atinge o seu ponto alto com esta dedicação e o cumprimento da lei. Mas é aí que ocorre a inversão. Nesta inversão, vemos que Josias não termina bem.

Agora, no final do reinado de Josias, que se aproxima do ano 609, os assírios já tinham começado a perder o domínio e o poder. Nabucodonosor, na Babilônia, já havia começado a assumir o controle no ano 627, cerca de 15 anos antes disso. E assim, há toda uma mudança nos impérios acontecendo.

São os egípcios que têm agora a oportunidade de retomar o controle da Palestina. E os egípcios estão avançando, Neco e seu exército, para o norte, para encontrar os assírios em Carquemis. Essa será uma das batalhas fatais que acabará com o domínio assírio.

O que concluímos é que Josias viu aqui uma oportunidade para ambição política. Agora, o Cronista não diz isso especificamente, nem Reis. Eles apenas nos falam sobre as consequências.

Mas o que parece é que Josias estava vendo aqui uma oportunidade para assumir o controle político do território que havia sido dominado pelos assírios. Ou seja, que Josias poderia retomar o controle de Efraim e Manassés, o território a oeste do Jordão. E então ele foi, e nesse aspecto, foi e encontrou o exército egípcio.

Mas, é claro, ele descobriu que não era páreo para o exército egípcio. Os egípcios não tinham nenhuma noção de que Josias poderia se tornar o governante de Samaria e daquele rico território do norte. Então, Josias é morto em Babel, um fim sombrio.

Daquele ponto em diante, o reino de Judá e o governo em Jerusalém foram rapidamente e fatalmente extintos. Assim, embora Josias comece em um ponto tão alto, e com a renovação da aliança, ele termina com a perda do reino. Agora, é no profeta Jeremias que mais vemos isso.

No ano de 622, segundo a datação que teríamos para quando o Livro da Lei foi descoberto no templo, Jeremias já teria sido profeta. Então, ele esteve presente no ponto alto desta grande celebração e desta renovação da aliança. Mas Jeremias também está lá nesses últimos dias do reino, quando ele tem que avisar que Deus desenraíza, da mesma forma que o cronista disse quando há infidelidade, e essa vai ser a palavra do cronista aqui, eles são infiéis, e em sua infidelidade, Deus desenraíza.

E assim, Jeremias vai do ponto alto da grande celebração ao ponto de ser lançado na cova, ao ponto de ser rejeitado por todos os outros profetas, ao ponto de se tornar o que muitas vezes chamamos de profeta chorão. Jeremias é um bom exemplo do reinado de Josias em termos do seu efeito prático em relação ao reino de Deus. Fidelidade à infidelidade e ao fracasso.

Este é o Dr. August Konkel em seu ensinamento sobre os livros de Crônicas. Esta é a sessão 24, Reversões da Fortuna.